

Boletim de Pastoral Litúrgica

SECRETARIADO NACIONAL DE LITURGIA

44

OUTUBRO – DEZEMBRO
1986

BOLETIM DE PASTORAL LITÚRGICA

Publicação trimestral do Secretariado Nacional de Liturgia

Propriedade da Conferência Episcopal Portuguesa

Director: ANÍBAL RAMOS

Redactor: JOSÉ FERREIRA

Administração: Boletim de Pastoral Litúrgica

Seminário de Aveiro — 3800 Aveiro

Telef.: 034 - 22172

Condições de assinatura anual:

	Via normal	Via aérea
Portugal e Países de língua portuguesa	500\$00	650\$00
Outros países estrangeiros	600\$00	700\$00
Este número especial	125\$00	

44

OUTUBRO — DEZEMBRO 1986

ANO XI

Apresentação

Reforma da Liturgia e Liturgia de Amanhã

Leão Cordeiro

As Fontes do Missal Romano:

Cuthbert Johnson

Advento-Natal

e Anthony Ward

O Templo e a Arte Sacra Actual

José António Falcão

Dom Odo Casel — centenário de nascimento

Burkhard Newnheuser

Os Leigos na Liturgia

Jornadas Espanholas de Liturgia

Liturgia das Horas (2.^a edição típica)

Próximo Encontro Nacional

Encontro Arquidiocesano de Braga

Este Boletim constitui o fecho de um ano de vida, em que cada trimestre foi contemplado regularmente com a saída do respectivo trimestre. Fez-se tal esfosço, não sem generosidade, para que esta publicação procurasse cumprir aquilo que é a sua razão de ser: entrar em contacto com os seus assinantes e leitores, uma vez em cada trimestre, e levar-lhes as suas informações com a possível actualidade.

O artigo de fundo deste número, da autoria do P. Dr. Leão Cordeiro, situa a reforma da Liturgia no contexto do Concílio Vaticano II, caracterizando-a nas suas linhas mestras e projectando-a no amanhã da história e das nossas esperanças. É estimulante pensar que a Liturgia de amanhã depende da qualidade e da fé dos ministros e dos fiéis que constituem as nossas assembleias e que nelas se reúnem para celebrar o Mistério pascal de Jesus Cristo.

O estudo do Missal Romano é uma fonte permanente de iluminação para quem deseje aprofundar a fé cristã e os seus aspectos celebrativos. Estudar as fontes do Missal ajuda a ir mais longe e a não ficar nem na sonoridade das palavras nem na concisão dos conceitos. Daí o interesse do artigo sobre as fontes do Missal Romano, no que se refere, para já, ao Advento-Natal. Colhemos a notícia e o resumo deste estudo em NOTITIAE, nn. 240-242.

Continuamos a publicar as reflexões do Dr. José António Falcão sobre o templo e a Arte Sacra actual. É um tema de interesse permanente e que tem íntima ligação com a celebração litúrgica. A preocupação pela conservação e defesa do nosso património artístico não nos deve distrair da reflexão sobre os valores permanentes da Arte Sacra e sobre as características da arte religiosa no nosso tempo, à qual o Vaticano II prestou particular atenção e deu algumas preciosas orientações.

No dia 27 de Setembro passado, ocorreu o centenário do nascimento de Odo Casel. A passagem desta data não podia deixar de merecer a nossa atenção e de ser devidamente registada no nosso Boletim.

Odo Casel, que foi monge beneditino e nasceu na Renânia, exerceu profunda influência no Movimento Litúrgico com a sua Teologia do Mistério de Cristo, tal qual este se realiza na celebração dos mistérios da Liturgia.

Esta Teologia foi muito controversa no início, mas da controvérsia surgiu a necessidade de maior aprofundamento e também a possibilidade de maior conhecimento. Ao fim, acabou por ser aceite, nos seus elementos essenciais, pelos católicos e até por parte dos evangélicos. Neste artigo, que traduzimos de NOTITIAE (n.º 238, de Maio de 1986), Burkhard Neunheuser dá-nos uma síntese do pensamento de Odo Casel, que vale a pena ser considerada mesmo por aqueles que já tenham estudado a sua Teologia.

O XII Encontro Nacional tem neste número a sua crónica e os testemunhos de alguns dos seus participantes. O Encontro Nacional é sempre o nosso grande acontecimento do ano. Mal acaba, o Secretariado Nacional de Liturgia, que o promove, faz a sua apreciação, verifica os seus aspectos positivos e negativos, em geral com mais rigor que os participantes, e começa logo a preparar o seguinte. Foi o que aconteceu mais uma vez. Apresentamos noutro local a data e a temática do próximo Encontro, esperando que os leitores compreendam as razões que nos levaram a manter-nos fiéis à 3.ª semana de Setembro. Quanto aos testemunhos, agradecemos aos poucos participantes que tiveram o cuidado de no-los confiarem e também a generosidade das suas críticas.

A breve notícia das Jornadas nacionais de Espanha tem por objectivo informar sobre as actividades dos nossos irmãos peninsulares e os esforços que empregam para pôr em prática a renovação operada pelo Vaticano II.

E aproveitamos a circunstância de este número chegar aos leitores nesta quadra do ano para lhes desejar muito cordialmente um santo Natal e um feliz Ano Novo.

Reforma da Liturgia e Liturgia de Amanhã

INTRODUÇÃO

A reforma litúrgica do Concílio Vaticano II não tem equivalente em nenhuma das que a precederam ao longo da história. A participação activa do povo de Deus foi o seu grande objectivo. Participação não apenas exterior, mas também. Participação sobretudo no centro do mistério celebrado, que é Jesus Cristo.

A característica pastoral desta reforma, antes de ser decisão das várias instâncias eclesiais, foi fruto das disposições do Espírito Santo, o agente pastoral mais preocupado com a liturgia. Servindo-se de homens como Guéranger, Odo Casel, Pio X ou Paulo VI, foi Ele que esteve na origem desta lufada de ar fresco que, de repente, entrou por todas as portas e janelas da Igreja.

A CONSTITUIÇÃO LITÚRGICA

A reforma da liturgia, que no Concílio de Trento tinha parecido um problema secundário, tornou-se, no Concílio Vaticano II, no problema número um na ordem de quantos viriam a ser tratados.

A Constituição **Sacrosanctum Concilium** deu o tom e marcou o ritmo da reforma geral da liturgia deste final do século XX. Os princípios que nela deixam adivinhar a acção do Espírito, sintetizam-se em meia dúzia de afirmações.

A Liturgia é «exercício do sacerdócio de Cristo» (SC 7). É

teologia rezada. O que a reflexão teológica afirma em teses, a liturgia tradu-lo em palavras e sinais, que não só concordam com a teologia, mas vão muito mais além. Eles realizam a santificação do homem. Isso acontece devido à presença de Cristo nas acções litúrgicas, e porque a liturgia é a celebração actual do Mistério pascal. O que aconteceu na última Ceia e na Cruz, passou agora para ela. Assim, é Cristo que preside, na pessoa dos ministros, às celebrações litúrgicas, de modo particular na liturgia eucarística, ponto mais alto do culto eclesial. O sacrifício de Jesus Cristo, realizado uma vez por todas sobre o madeiro da Cruz, e o seu corpo e sangue que os Apóstolos receberam em comunhão, na Ceia, tornam-se presentes, de madeira sacramental, na celebração. O pão e o vinho mudam-se em «pão da vida e vinho da salvação» e recebidos pelos fiéis no «banquete sagrado», restauram-lhes as forças na caminhada que vão fazendo em demanda da Pátria celeste.

A Liturgia é «ponto culminante e fonte» da vida da Igreja (SC 10). Essa Igreja que nasceu do lado de Cristo adormecido na Cruz, continua a «nascer» todos os dias na liturgia, através dos sacramentos da iniciação cristã, entranhas onde são gerados todos os seus filhos e que ela, a seguir, solícitamente alimenta, na mesma liturgia, por isso também chamada «ponto culminante» da vida da Igreja, que não pode subir mais alto neste mundo. A liturgia é, pois, verdadeiro ponto de começo e ponto de chegada de tudo quanto a Igreja vive na sua peregrinação terrena. Mais ainda, ela é o modo adaptado à nossa condição terrestre de participarmos e saborearmos, desde já, a liturgia celeste celebrada na cidade santa de Jerusalém (SC 8). É por isso que nenhuma outra acção eclesial se lhe pode comparar.

A Liturgia implica e reclama a participação plena, inteligente e activa de todo a assembleia (SC 14). Os cristãos constituem um povo escolhido por Deus como sua propriedade, para celebrar as suas maravilhas e crescer continuamente em santidade. Como será isso possível se não aprender cada vez mais a participar na liturgia com os mesmos sentimentos de Cristo? Formação litúrgica, adaptação da liturgia, língua, leitura mais abundante da Sagrada Escritura, simplificação dos ritos, música e arte adaptadas a novas sensibilidades, tudo tem em vista tornar realidade a participação activa, consciente e profunda de todos os membros do povo de Deus nas assembleias litúrgicas.

A Liturgia manifesta a Igreja (SC 26) porque reúne à volta do mesmo altar e da mesma oração aqueles que, de maneira consciente e consequente, se dizem discípulos de Cristo. Nesse sentido ela é o mais expressivo e concreto «sinal de unidade» comunitária, e o lugar onde mais facilmente se descobre a natureza da Igreja. Nela, cada um é convidado a realizar tudo e só o que lhe compete (SC 27-30), para ficar bem claro que a Liturgia como a Igreja são de todos, mas que ninguém as pode considerar como exclusivamente suas.

A Liturgia só é autenticamente eclesial quando não identifica «unidade substancial» com «rígida uniformidade» (SC 38). De facto, se existem constantes da fé a manifestar sempre e em toda a parte, também existem sensibilidades e tempos históricos muito diferentes. E esses dois valores não podem estar ausentes da liturgia, sob pena de a «fossilizarmos» ou, ao contrário, de a «subjetivizarmos». É por isso que a Constituição estabelece: «Não é desejo da Igreja impor, nem mesmo na liturgia, a não ser quando está em causa a fé e o bem de toda a comunidade, uma forma única e rígida, mas respeitar e procurar desenvolver as qualidades e dotes de espírito das várias raças e povos» (SC 37).

A Liturgia tem em conta a «sã tradição» e o «progresso legítimo» (SC 23). Ela é uma continuidade que nos vem de Jesus, à qual os vários séculos juntaram a sua marca. Os elementos de instituição divina são imutáveis, pelo menos no seu sentido profundo. São poucos, muito claros e fáceis de realizar, escreveu S. Agostinho. Os outros são mais dependentes do tempo e mais sujeitos a «oxidarem-se». Não são indispensáveis e muito menos imutáveis. O Concílio teve a percepção desta diferença e quis que se reencontrasse o espírito das realidades litúrgicas, por vezes irreconhecível debaixo do pó acumulado pelos séculos: «Para conservar a sã tradição e abrir ao mesmo tempo o caminho a um progresso legítimo, faça-se uma acurada investigação teológica, histórica e pastoral acerca de cada uma das partes da liturgia que devem ser revistas. Tenham-se ainda em consideração as leis gerais da estrutura e do espírito da liturgia» (SC 23).

Foram estes os grandes princípios orientativos da reforma litúrgica, obra simultânea do Espírito Santo e dos sucessores dos Apóstolos, para o noso tempo, reforma que nem foi a primeira nem certamente será a última.

UMA REFORMA DE QUALIDADE

Trabalho de qualidade, poderíamos nós chamar ao resultado final da reforma da liturgia que se iniciou logo a seguir à aprovação da respectiva Constituição. Não dizemos trabalho perfeito, porque nenhuma obra dos homens merece essa qualificação. Só Deus é perfeito e perfeitíssimas são as suas obras. Mas as sombras ocasionais não devem fazer esquecer a qualidade excepcional do conjunto.

Serena e objectivamente **não se pode dizer que a passagem do latim às línguas vivas foi um mal** (SC 36). As línguas faladas pelos homens de hoje não empobrecem a liturgia. Foi nas línguas faladas pelos homens de cada época que se estruturaram as grandes famílias litúrgicas orientais e ocidentais. Por inércia ou outros factores, continuou depois a celebrar-se nessas línguas, mesmo quando elas deixaram de ser faladas e compreendidas pelo povo. Tal situação não pode chamar-se normal e menos ainda ideal. Admite-se que possa acontecer, e de facto aconteceu, mas assim como há «um tempo para nascer, há outro para morrer». E ambos são tempos de Deus, pois «é o Senhor quem dá a morte e dá a vida». Foi o que aconteceu com o latim. Deixou de ser a única língua da liturgia latina. Já era tempo. O Concílio, aliás não foi muito liberal ao referir-se à possibilidade de celebrar a liturgia nas línguas vernáculos (SC 36). Mas a porta que ele entreabriu, acabou por ser escancarada por exigências do Espírito e por desejo do conjunto do povo de Deus. Houve quem tentasse apagar o Espírito. Venceu, porém, o sentido pastoral e o bom senso. O latim continua a ser muito importante como língua padrão das edições típicas dos livros litúrgicos. Nela se pode celebrar toda a liturgia, em certas circunstâncias. Mas a prova real da sua não utilização habitual pela esmagadora maioria do povo cristão está feita.

Antes da actual reforma, a liturgia romana tinha prescindido da Palavra de Deus em quase todos os sacramentos, com excepção da celebração eucarística. Depois de séculos de silêncio, que nem a polémica anti-protestante justifica, volta a ser realidade o princípio de **nenhuma acção litúrgica sem a Palavra revelada**. Antes de mais, por uma questão de fé na presença de Cristo nessa Palavra; em seguida, por outra questão de fé na força única da

mesma Palavra; por último, porque não há celebração litúrgica, sacramental ou não, que resista à falta de anúncio da Palavra. O tesouro escondido durante séculos foi descoberto e está a ser explorado com entusiasmo pelas comunidades cristãs. Graças à liturgia, qual escola primária e universidade onde se aprende a ler e a escutar, e depois a aprofundar a riqueza infinita da Palavra, e do movimento bíblico que lhe é paralelo, pequenos grupos, comunidades eclesiais de base, cristãos do mesmo prédio, grupos paroquiais e fiéis anónimos, estão a encontrar-se com a Palavra, a crescer na fé à luz dela, a viver animados por ela.

A liturgia renovada requiere, na sua celebração e participação, um espírito, uma mentalidade, uma alma. Não vai só com normas, com regras, com rubricas quase mecânicas. **Precisa de uma catequese.** Os Padres da Igreja chamaram-lhe «mistagógica». Nós podemos não lhe chamar assim. Mas fariamos bem em fazê-la como eles, segundo um método que se funda na Palavra de Deus e nos ritos e orações da celebração, método que a Constituição litúrgica propõe ao falar de compreensão da liturgia (SC 48), de formação bíblica dos fiéis (SC 90), e de instrução daqueles que nela realizam algum ministério (SC 29). Trabalho lento e progressivo. Os Encontros nacionais e diocesanos de pastoral litúrgica têm sido passos pequenos mas importantes. É preciso continuar a dá-los. Haverá outros caminhos, porque ninguém é detentor de toda a sabedoria. Mas esses afiguram-se-nos indispensáveis.

A celebração litúrgica é momento de festa da comunidade. É louvor de Deus e celebração da vitória pascal de Cristo. Por ser festa de louvor e de vitória não pode dispensar o canto. **Este** não é elemento que se lhe junte do exterior, mas **pertence à própria natureza da celebração.** É sua parte integrante (SC 112). Relativamente ao canto, o passado teve determinada sensibilidade. Expressiu-a, sobretudo, no canto gregoriano, com insistência na interioridade da liturgia. O presente não o pode esquecer. Por alguma razão ele apareceu como principal. Mas há outros valores a ter em conta. A festa é um. A diferenciação etária é outro. Não se deve celebrar a liturgia com crianças, com jovens e com adultos utilizando o mesmo tipo de cantos. Mas os que forem utilizados não podem ser musicalmente banais, nem exprimir sentimentos que contradigam a fé. A liturgia há-de procurar ser sempre culto digno de Deus, proclamação da fé da assembleia e educa-

ção dessa mesma fé e da sensibilidade dos fiéis pela palavra, pelos sinais, pela música e pela arte.

PARA UMA LITURGIA DE AMANHÃ

A reforma desejada pelo II Concílio do Vaticano não ficou feita com a revisão dos livros e ritos litúrgicos. Ela supõe, para além desse importante trabalho já realizado, uma transformação das mentalidades, uma nova visão teológica da liturgia e uma nova maneira de presidir às celebrações. É nesses livros, principalmente nas suas introduções, que se há-de descobrir o sentido profundo e inovador da reforma. A liturgia de amanhã será condicionada por tal descoberta e pela adesão ao novo espírito que lhe está subjacente, bem diferente dos velhos hábitos de juridismo, ritualismo e rubricismo. A liturgia renovada requiere conhecimento do sentido dos ritos e do seu enquadramento no conjunto das celebrações, e formação nas técnicas da presidência.

Cuidado particular deve merecer, por isso, a formação dos jovens que frequentam hoje os centros de estudos eclesiais. O ensino da liturgia, nos seus aspectos teológicos, históricos e pastorais, não pode ser descuidado, o que implica e pressupõe a formação de novos professores e a reciclagem periódica dos que terminaram os seus cursos há vários anos.

O povo cristão há-de receber a formação litúrgica que lhe é necessária para tomar parte activa e consciente nas celebrações. Os cursos de teologia para leigos são uma boa ajuda. Mas a melhor escola dessa formação continuará a ser a liturgia paroquial, bem preparada e vivida, semana após semana. É aí que se investe no futuro.

As catedrais são raramente modelos de celebração, apesar dos esforços que se vão fazendo para melhorar. Os bispos, salvo raras excepções, são maus presidentes da liturgia. Falta-lhes simplicidade e à vontade. São distantes e frios. Não se chega a sentir o calor da presença de Cristo em muitas das celebrações presididas por eles. O mesmo se pode dizer de bastantes liturgias paroquiais. Há que coordenar melhor as celebrações nas cidades episcopais, sempre que o bispo celebre na Igreja-mãe da diocese. Têm de ser revistos muitos dos seus pormenores.

Na preparação e organização das celebrações sacramentais, e sobretudo da Eucaristia, há que repensar o arranjo dos lugares litúrgicos. Se as soluções encontradas para o altar, a cadeira do presidente e o ambão são, regra geral, aceitáveis (a nota mais baixa seria quase sempre dada ao ambão, que não pode continuar a ser eternamente uma simples estante), já o mesmo se não pode dizer do Baptistério e do lugar da celebração da Penitência.

Já falámos da qualidade indispensável do canto litúrgico. Mas são precisos gestos e sinais verdadeiros, plenos de significação, belos, bem feitos. Principalmente para as celebrações com os mais novos.

A catequese e a celebração litúrgica têm de fazer esforços para agir de maneira convergente. Muitas vezes, os agentes pastorais desses dois sectores desconhecem-se. Também acontece encontrarem-se presidentes da liturgia com pouca formação catequética e catequistas com falta de formação litúrgica. Ora bem, toda a catequese deveria finalizar numa boa celebração ou partir dela e toda a liturgia deveria ser uma boa catequese. Quantas vezes as melhores catequese escolares ou paroquiais são reduzidas a nada pela pobreza das celebrações paroquiais.

A generalidade das dioceses e paróquias está a levar a sério a pastoral da iniciação cristã, quer se trate da preparação dos pais e padrinhos para o baptismo dos filhos, quer das crianças da primeira comunhão, dos candidatos ao baptismo dos adultos ou da preparação dos noivos para o casamento. Para tal trabalho ser pastoralmente válido, tem de ser de todas as paróquias. Não pode haver párocos vizinhos que «furem» as orientações comuns. Quando isso acontece, não há pastoral de conjunto que resista.

A homilia é um elemento importante na celebração. Os documentos da reforma apresentam-na como parte integrante da acção litúrgica e dizem quais as suas características e qualidades. Reconhece-se que as homílias de hoje são diferentes das de há vinte anos. Para isso contribuiu muito a riqueza dos leccionários e a melhor preparação bíblica dos sacerdotes. Mas terão elas sempre em conta os que as escutam? Realizarão a inserção dos textos bíblicos na realidade concreta da comunidade? Os que as pronunciam (bispos, presbíteros, diáconos ou leigos que presidem a celebrações) farão esforços para melhorar a sua competência no campo da comunicação?

CONCLUSÃO

A liturgia de amanhã será o que for a qualidade de cada um destes factores. Não se podem mesmo esquecer outros, como a religiosidade popular, os «exercícios de piedade» ou a gestuação da palavra para a tornar mais evocativa, mais acção. Temos disso um pequenino exemplo nas celebrações do Tríduo Sagrado (lava-pés, dialogação da Paixão, adoração da Cruz), em que sobressaem a sobriedade, o clima de fé e de oração, a perfeição.

A liturgia de amanhã será, sobretudo, o que for a fé pessoal de cada fiel, de cada presidente da celebração e de cada assembleia, no mistério de morte e de vida que nela acontece, no Mistério pascal de nosso Senhor Jesus Cristo.

LEÃO CORDEIRO

As Fontes do Missal Romano: Advento-Natal

O Boletim da Congregação do Culto Divino, NOTITIAE, nos seus números 240-241-242 deste ano, é totalmente dedicado a um estudo aprofundado sobre «as fontes do Missal Romano: Advento-Natal», da autoria de Cuthbert Johnson, OSB, e Anthony Ward, SM.

Este estudo é dedicado aos textos das orações do **Missale Romanum** (editio typica altera, 1975) e dá a documentação fundamental para o estudo das fontes do Missal Romano.

Cada secção apresenta, em primeiro lugar, o título litúrgico decorrente da celebração e extraído do Missal Romano. A seguir, vem o texto da oração como está impresso no Missal.

As orações têm um número de ordem : para facilitar o encontro, contam-se a partir de 1 para o Advento, e de 100 para o Tempo de Natal.

O ponto de partida é a liturgia de Paulo VI e dos seus sucessores. Os livros litúrgicos provenientes da prática da Cúria romana na baixa Idade Média e do zelo reformador do Concílio de Trento tiveram o seu justo lugar de expressão da fé na cadeia da tradição litúrgica, mas raramente são criações originais no interior desta tradição. Nesta perspectiva, o tratamento das fontes será aqui uma ocasião para se reportar ao Missal pré-conciliar mas procura a investigação das mais antigas fontes textuais na tradição em que são apresentadas, remetendo em particular para as colecções bem conhecidas, como o Sacramentário Leonino ou **Veronense**, Gelasiano (**Gelasianum Vetus**) e Gregoriano (**Hadrianum**, **Paduense** e o **Supplementum**).

Naturalmente, teria sido interessante apresentar uma documentação mais vasta, mostrando os desenvolvimentos suscitados na Gália e através da Idade Média, sublinhando assim os lugares paralelos nas tradições ambrosiana, céltica e hispânica. Tal não foi feito, excepto em casos particularmente significativos.

Com o objectivo de facilitar as comparações, os antecedentes históricos são dados a partir das edições críticas. Encontraremos também os principais *loci* bíblicos, assim como as fontes ou aproximações patrísticas, nas passagens escolhidas que podem contribuir para compreender melhor o sentido duma oração.

Para aumentar o interesse desta recolha em ordem a uma tradução, ou revisão de traduções, a documentação de cada oração termina com a apresentação das traduções litúrgicas aprovadas nas seis línguas vivas mais importantes: inglês, francês, italiano, espanhol, alemão e português.

A fim de se compreender em que medida o actual Missal se aproxima ou se afasta das fontes antigas, cada uma destas tem o número corrente e o título da celebração sob a forma e na ordem em que se encontra nas edições «standard».

Publicam-se também os *incipit* de todos os textos eucológicos citados, assim como alguns elementos de conclusão, e uma lista dos termos empregados no actual Missal, com as indicações da sua utilização.

O Templo e a Arte Sacra actual

ALGUMAS REFLEXÕES

II

Um dos vectores que podem contribuir poderosamente para o enriquecimento das manifestações artísticas de carácter sacro do presente reside na exigência sempre renovada de qualidade. A qualidade que desejamos, importa meditá-lo, deve representar mais categoria do que valorização material **stricto sensu**. Não se mede por critérios de custos ou de esplendor de elementos, nem sequer por inovações técnicas mais ou menos úteis, mas sim pelo contributo humano, pessoal, que cuida e significa, que se esmera em homenagem de íntima dedicação. Constituindo a arte do sagrado um campo em que convergem valores de sensibilidade e de religião ao longo de um processo de constante interacção, ela é chamada, nos tempos de hoje, a um serviço humilde, lúcido e cheio de autenticidade. Assim falará com maior nitidez a quem há-de escutar a sua mensagem de esperança.

José Maria Díaz Mozaz exprimiu com grande clareza a rea-

«El arte de la comunidad cristiana ha de ser verdadero, esto es, representativo del entorno en que nace, testigo de los gozos, ilusiones y temores de los hombres.

[...] El arte será más que nunca la huella de una búsqueda». (4).

Foi frequente, no passado, cair-se no exibicionismo material ao demandar a beleza e o decoro do templo. Um afã perfec-

cionista bem intencionado impulsava a dedicar ao Senhor e à Sua casa tudo o que havia de melhor, de mais nobre e precioso. A **Domus Ecclesiae** adornava-se, engrandecia-se com magníficos tesouros de arte, mas isto tinha como consequência que, em não poucos casos, os seus principais valores — os de ordem espiritual — ficavam prejudicados, senão mesmo secundarizados.

A mentalidade actual já não projecta sobre o templo somente escalas de valorização monumental ou estética, não procura nele a ostentação nem o examina com a perspectiva do visitante de um museu que se aprecia devido às jóias artísticas que conserva. Não entramos perseguindo o luxo ou o refinamento mundano. Pelo contrário, diligenciamos encontrar o relevo sensível da abertura ao diálogo com Deus e com os homens, que seja extensão de uma vivência comunitária e, concomitantemente, homenagem interior do artista que se propõe sacralizar um determinado espaço, conferir-lhe uma nova dimensão transcendente como objectivo final. O nosso juízo de valor tenta captar o fundo sentido da religiosidade, sentido este que, ao fim e ao cabo, determina o êxito ou o fracasso da obra como exemplo da arte sacra.

Hugo Schnell sintetizou admiravelmente a essência do edifício religioso enquanto morada do **Logos**. Destacamos aqui os aspectos fulcrais da sua interpretação do assunto ao analisar a Casa de Deus como local destinado ao Povo de Deus:

«Questo ambiente è la custodia entro la quale si compie la più perfetta e più santa azione di una comunità: nella pace di Cristo esso si riunisce per l'adorazione del ringraziamento e dell'amore, per la dedizione nel sacrificio, che si compie in Cristo e attraverso Cristo ed unisce nella cena dell'Eucaristia, che è riferimento ed immagine della cena celeste nell'eternità.

(4) JOSÉ MARIA DÍAZ, «Arte y Pastoral en la Iglesia», em *Homenaje al Cardenal Tarancón de la Academia de Arte e Historia de San Dámaso*, Madrid, 1980, pp. 113-114.

Versão portuguesa:.

«A arte da comunidade cristã há de ser verdadeira, isto é, representativa do ambiente em que nasce, testemunha das alegrias, esperanças e medos dos homens.

[...] A arte será (agora mais do que nunca a marca de um busca).

Questo ambiente, luogo di sacrificio di Cristo, diviene anche sacro recinto per la presenza esistenziale di Dio, la casa di Dio per il popolo di Dio, pegno della verità e dell'amore, dell'onnipotenza e dell'eternità. Quest'ambiente ha rapporto immediato con l'Arca del Patto e con il Tempio di Gerusalemme, che Cristo stesso indicò come la casa del Padre suo, e con il regno eterno della beatitudine, che quivi ci è più prossimo e dove viene celebrato il suo ricordo ed è presente il suo ritorno.

Questo luogo è veramente terribile, collegato con l'eternità, meraviglioso e colmo dell'amore e dell'abbondanza. Il suo sommo scende il Verbo, il Logos, e vi abita, ma ancora all'apparizione ed alla presenza della Trinità viene ad aggiungersi la risposta dei fedeli attraverso la costruzione dell'edificio sacro ed avviene l'unità della vite e dei tralci.» (5).

(5) HUGO SCHNELL, «L'Edificio Sacro quale Casa del Logos», em *Orientamenti dell'Arte Sorra dopo il Vaticano II*, dir. por GIOVANNI FALLANI, Bergamo, 1969, pp. 127-128.

Versão portuguesa :

«Este ambiente é a custódia dentro da qual se opera a mais perfeita e mais santa acção de uma comunidade: na paz de Cristo, ela reúne-se para a adoração, para a expressão do agradecimento e do amor, para a consagração no sacrificio, que se realiza em Cristo e através de Cristo e se une na ceia da Eucaristia, relação e imagem da ceia celeste na eternidade.

Este ambiente, lugar de sacrificio de Cristo, torna-se igualmente recinto sacro devido à presença existencial de Deus, a casa de Deus para o povo de Deus, sinal da verdade e do amor, da onnipotência e da eternidade. Este ambiente tem uma conexão imediata com a Arca da Aliança e com o Templo de Jerusalém, que o próprio Cristo indicou como sendo a casa de seu Pai, e com o reino eterno da bem-aventurança, que aqui está mais próximo e donde se celebra a sua memória e está presente o seu regresso.

Este espaço é realmente terrível, associado à eternidade, maravilhoso e repleto de amor e de abundância. O seu maior segredo consiste em que nele não só desce o Verbo, o Logos, e aí habita, mas também que à manifestação e presença da Trindade se vem juntar a resposta dos fiéis por intermédio da construção do edifício sagrado e se concretiza a unidade da videira e dos ramos».

O templo moderno tem sido muitas vezes acusado — de forma ligeira, acentue-se — como falta de ambiente sacral, de clima religioso, desse influxo devocional que, em certos casos, nos surge tradicionalmente vinculado ao uso e abuso de imagens e símbolos. Não podemos deixar de assinalar que a religiosidade que se impõe nos nossos dias, de inspiração profundamente litúrgica, recorre a um emprego oportuno de símbolos e imagens; adquiriu-se, todavia, a consciência de que não é a profusão dos mesmos que cria a atmosfera de piedade e estimula vivências de lídima espiritualidade. Os excessos sempre dispersam e confundem e, em algumas circunstâncias, deslustram e desvalorizam por indiscriminação e decorativismo.

JOSÉ ANTÓNIO FALCÃO

(Continua)

Dom Odo Casel

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO

Celebra-se este ano, no mosteiro de Maria Laach, o centenário do nascimento do P. Odo Casel: 27 de Setembro 1886-1986.

Foi monge beneditino na abadia de J. Maria ad Lacum (Maria Laach), na Renânia (Alemanha). Estudou teologia em S. Anselmo (Roma) e aí se doutorou. Doutorou-se também em filologia clássica na universidade de Bona. Nos seus livros: «Memoria do Senhor...» («Das Gedachtnis des Herrn in der altchristlichen Liturgia», 1918), «A Liturgia como celebração do mistério» («Die Liturgie als Mysterienfelder» 1922) e na edição em 15 volumes do «Anuário da Ciência Litúrgica» («Jahrbuch für Liturgiewissenschaft») apresentou a sua interpretação de Liturgia, conhecida pelo nome de «Teologia dos mistérios», isto é, Teologia do Mistério de Cristo, tal qual ele se realiza na celebração dos mistérios da Liturgia.

Esta teologia, célebre nos primeiros anos do Movimento Litúrgico na Alemanha desde 1918, não foi aceite por todos; pelo contrário, deu origem a uma famosa controvérsia, descrita com objectividade por Th. Filthaut no livro «Die Kontroverse über die Mysterienlehre» (1947), traduzido em francês: «La théologie des Mystères. Exposé de la controverse» (Paris 1954) e em espanhol (Bilbau 1963).

O mérito desta controvérsia esteve no facto de que o P. Casel se viu obrigado a responder, a defender-se, explicando-se, esclarecendo, corrigindo. Assim, a oposição foi pouco a pouco ultrapassada e Casel tornava-se conhecido em toda a parte. (...)

Os confrades de Dom Casel, convencidos do conteúdo positivo da doutrina, procuraram precisá-la, seguindo o conselho de Pio XII para falar duma presença dos mistérios de Cristo não «in-

certo et sub obscuro modo», mas como ensina a «doutrina católica» (na «Mediator Dei»: AAS 39, 1947, 580). E assim podemos falar hoje de um certo consenso no que respeita aos pontos essenciais.

Cito neste sentido as palavras de J. A. Jungmann SJ, que na retrospectiva da sua obra clássica «Missarum Sollemnia», isto é, no opúsculo «Messe im Gottesvolk. Ein nachkonziliarer Rückblick durch Missarum Sollemnia», 1970, escreveu «... a tese dos Mistérios de O. Casel já passou através do fogo da crítica e foi aceite nos seus elementos essenciais pelos católicos; mas encontrou interesse e aprovação por parte dos evangélicos...»

Outros autores pensam do mesmo modo. Basta citar: J. Betz, Lthk (1959) 1151; o professor A. Hanggi, bispo emérito de Basel, no livro editado por K. Schmid, «Gedachtnis, das Gemeinschaft stiftet», 1985, sobretudo nas pp. 116 s.

Depois desta breve exposição da história da vida e da obra de Odo Casel quereria perguntar: Qual é o contributo válido e permanente, dado por Casel à teologia católica?

Permito-me citar o que eu escrevi no prefácio da edição francesa do livro «Le mystère du culte...» (1983) XXII s: «A liturgia é em primeiro lugar uma «acção sagrada». Podemos designá-la por um **mysterion**, um **sacramentum**, porque assim falam os textos da liturgia em toda a tradição até agora. E sem querer insistir muito sobre a analogia com os mistérios helenísticos, apoiando-nos antes de tudo na linguagem da Escritura e da Tradição, podemos dizer: estes termos técnicos permitem ver na acção litúrgica, designada como **mysterion-sacramentum**, não somente uma verdade escondida, «misteriosa»; mas antes uma acção divina, primeiro oculta e depois revelada, no intuito de fazer participar os celebrantes na própria realidade celebrada. Em seguida, devemos ver a ideia central da visão de Casel nesta afirmação: celebrando a obra redentora de Cristo, nos actos sacramentais da liturgia, sob o véu dos sinais sagrados, e em virtude da palavra dada por Cristo, nós participamos na realidade original da obra de Cristo; ou, por outros termos, a acção salvífica de Cristo torna-se presente a nós que celebramos esta obra. Depois de todas as discussões que houve há mais de meio século, podemos e devemos dizer: não se trata duma repetição do acto histórico, mas duma presença «sacramental», **sui generis**, difícil de explicar. É certamente o efeito da obra de Cristo que nos é

comunicado, mas isso não basta: tornarmo-nos participantes da obra de Cristo, **con-sepulti, con-resuscitati, con-vivificati** segundo as expressões de S. Paulo nas suas epístolas. É uma espécie de união mística com a obra de Cristo, a fim de que sejamos verdadeiramente em Cristo, «crucificados com ele» (cf. **Gal 2, 19 s.**). Isso é possível, não só por Cristo, vivendo agora na glória extratemporal da eternidade (por isso também, evidentemente), mas mais, segundo a expressão de S. Tomás, **praesentialiter attingit omnia tempora et loca**, para nos unir ao próprio acto redentor (STh III 56, 1. 3 um).

Parece-me possível afirmar: todos podemos estar de acordo sobre o essencial desta tese. Ainda se não chegou a acordo no que respeita à analogia com os mistérios pagãos e à interpretação da palavra **mysterion** (que poderia quase por si só provar a tese). Mas estes são antes pontos marginais. São grandes os efeitos dum tal acordo.

Acima de tudo, dão-nos uma compreensão mais profunda da doutrina da Constituição do Vaticano II sobre a Liturgia.

A Constituição fala no n. 5 da obra da redenção do homem e da glorificação de Deus Pai realizada pelo Senhor Jesus Cristo por meio do «**paschale mysterium**». Cristo convidou os Apóstolos não só a pregar..., anunciando que o Filho de Deus pela sua morte e ressurreição nos libertara... mas também a celebrar o Sacrifício e os Sacramentos. Assim pelo Baptismo são os homens inseridos no mistério pascal de Cristo... E sempre que comem a Ceia do Senhor, anunciam igualmente a sua morte até Ele vir... Desde então, nunca mais a Igreja deixou de se reunir em assembleia para celebrar o mistério pascal:... a Eucaristia na qual «se torna presente o triunfo e a vitória da sua morte...» (SC 6).

Todo o número seguinte (7) fala com grande vigor da «**presença**» do Senhor «**nas acções litúrgicas**» e termina dizendo: «Portanto qualquer celebração litúrgica é, por ser obra de Cristo sacerdote e do seu Corpo que é a Igreja, acção sagrada por excelência, a cujo título e grau de eficácia nenhuma outra acção da Igreja se equipara» (SC 7).

Os números 8-10 que se seguem, são de grande importância. O Senhor está presente nas acções litúrgicas para nos tornar participantes da sua obra redentora, a fim de que sejamos configurados ao Senhor crucificado e ressuscitado, possamos unir-nos à sua própria acção sacrificial, que está presente no Sacra-

mento (na acção sacramental), não repetida historicamente e, contudo, realmente presente «no sacramento».

Parece que nesta interpretação teológica fica também superada aquela grande dificuldade que dividiu até agora os católicos e os protestantes. A realidade do Sacrifício Eucarístico (da Missa) está fundada precisamente na presença do único acto de Cristo, consumado na cruz, o qual não se repete historicamente («Christus iam non moritur»), mas se torna presente **in sacramento** a fim de que possamos unir-nos a Ele, oferecendo o sacrifício juntamente com Ele.

O acordo da teologia protestante manifesta-se, por exemplo, em P. Brunner, **Leiturgia I** (1954), **Zur Lehre vom Gottesdienst der im Namen Jesu versammelten Gemeinde** (83-361); ele fala explicitamente da «Christus — Anamnese als geintgewirkte Gegenwart des einmaligem Heilsgeschehens» (210-214) — «A Anamnese de Cristo como presença feita pelo Espírito, presença da obra única da salvação». Max Thurian nessa mesma perspectiva no seu livro **L' Eucharistie. Mémorial du Seigneur** (Neuchâtel 1959). O documento de Lima de 1982 também fala com vigor da representação (da verdadeira presença) da única acção de Cristo na celebração eucarística (m. 5-13). Eu mesmo pude apresentar esta doutrina de Casel na *Theologische Realenzyklopädie* VII (1981) 643-647.

Esta interpretação é importante para que vejamos bem: a Liturgia é, acima de tudo, «acção sagrada», não somente meditação, é acção em que participamos, segundo a diversidade dos sacramentos, na obra salvífica de Cristo; nos sacramentos, na celebração das Horas, da solenidade do «Ano do Senhor», na celebração das festas dos Santos. E tudo isto numa ordem transparente: celebra-se sempre a obra da salvação, mas de modo que esta se apresenta sob o aspecto da acção litúrgica concreta, do Sacramento, da festa: antes de tudo, a celebração do Mistério pascal, depois da Epifania, do Domingo, dum Sacramento, dos Santos: da Mãe de Cristo Deus, dos Apóstolos, dos Mártires, das Virgens, dos Santos e Santas.

O Mistério de Cristo é sempre total, mas apresenta-se sob a forma concreta, diversa segundo a diversidade do sinal sacramental. Celebra-se, como disse a Instrução «Inter Oecumenici» de 1964, «ut Myterium paschale vivendo exprimat» (6; cf. todo o texto deste número!). (...)

BURKHARD NEWNHEUSER, OBS.

Os Leigos na Liturgia

De 15 a 19 de Setembro deste ano de 1986, efectuou-se no Santuário de Fátima o XII Encontro Nacional de Pastoral Litúrgica, que foi promovido pelo Secretariado Nacional de Liturgia.

Procurando concretizar o trabalho do Encontro Europeu dos Secretários Nacionais de Liturgia, realizado este ano em Lisboa, e preparar, dentro das suas possibilidades e na sua área específica, o próximo Sínodo dos Bispos que será dedicado aos Leigos na Igreja e no Mundo, o Encontro teve por temática OS LEIGOS NA LITURGIA.

E, numa temática destas, para ser devidamente tratada, teria de haver um estudo sério sobre a sua fundamentação teológica — o que, de facto, aconteceu com a excelente conferência de D. José da Cruz Policarpo: **Liturgia e Sacerdócio comum nos documentos do Vaticano II**; uma análise histórica à **Participação dos Leigos na Liturgia** feita pelo Côn. José Ferreira com a sua habitual vivacidade e competência; uma apresentação cuidada dos **Ministérios Laicais na Liturgia**, de que se encarregou, com o rigor e a convicção de sempre, o P. Dr. José de Leão Cordeiro; um trabalho sobre as **Assembleias Dominicais sem Missa**, no qual esta anómala situação eclesial, que se alarga cada vez mais, mesmo no nosso País, por falta de clero, foi analisada no conjunto dos problemas que levanta, e até com o testemunho da caminhada já feita até agora na diocese de Coimbra, pelo P. Dr. Luís Ribeiro de Oliveira; uma conferência sobre a indispensável e sólida **Formação Litúrgica dos Leigos**, incluindo a educação para e através da Liturgia, a cargo do P. Dr. Pedro Ferreira, OCD; uma exposição, também fundamental, sobre a **Participação dos Leigos na Liturgia através do Canto**, que foi proferida com o calor

e o saber de experiências feito pelo Cón. Dr. António Ferreira dos Santos.

Numa das tardes, D. Albino Mamede Cleto fez uma interessante e oportuna palestra sobre Arte Sacra e o arranjo do altar, a que deu o sugestivo título de **A Mesa na Ceia do Senhor**. Esta palestra foi ilustrada com a apresentação de diapositivos que enriqueceram a palavra com as imagens mais apropriadas. De resto, nas salas contíguas ao anfiteatro, havia uma exposição fotográfica em que a Arte Sacra dava sugestões, corrigia erros e apontava modelos.

Inscreveram-se neste Encontro mil e quatrocentas pessoas provenientes de todas as dioceses do Continente e Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, de boa parte das Congregações religiosas existentes em Portugal, e ainda de vários países de língua oficial portuguesa.

A Comissão Episcopal de Liturgia, de que é presidente D. Albino Mamede Cleto e de que são vogais D. António Francisco Marques e D. José Augusto Fernandes Pedreira, esteve sempre activamente presente em todos os números do Encontro e presidiu condignamente às celebrações litúrgicas.

A dinâmica deste Encontro, como é habitual, deu às celebrações litúrgicas — Laudes, Missa, Vésperas, Vigília e Celebração Penitencial — uma importância muito grande porque procura celebrar o melhor possível os mistérios da fé.

Para isso, prepara cada ano um **guião** próprio, pede a colaboração dos nossos melhores compositores e escolhe os mais competentes ensaiadores para preparar e dirigir o canto da assembleia. Assim, o guião deste ano apresentou, além de outras, músicas novas dos Padres: Cón. Dr. António Ferreira dos Santos, António Júlio Cartageno, Cón. Carlos da Silva, Mons. José Fernandes da Silva, P. Dr. Manuel Simões, SJ, e ainda composições dos saudosos Dr. Manuel Faria e Dr. Manuel Luís.

O ensaio dos cânticos e a direcção da assembleia estiveram a cargo do Cón. Dr. António Ferreira dos Santos e de Mons. José Fernandes da Silva.

Os serões das quatro noites do Encontro foram todos aproveitados: o 1.º para a apresentação dos participantes; o 2.º para um sarau de características folclóricas, com destaque para as representações dos Açores, Madeira e Cabo Verde; o 3.º para uma Celebração penitencial; e o 4.º para uma Vigília na Basílica.

O programa começava com as Laudes na Capelinha das Aparições, tinha a Missa ao meio dia, na Basílica, e as Vésperas ao fim da tarde, também na Basílica. As procissões de entrada e saída, presididas pelos três Bispos da Comissão Episcopal de Liturgia e constituídas por cerca de 150 padres, impressionavam pela quantidade e, sobretudo, pela dignidade dos concelebrantes e pela beleza e simplicidade dos paramentos. A alguém que assistia, surpreendida, à passagem do cortejo litúrgico, ouvimos este espontâneo comentário: «estou extasiada!»

Mas as celebrações, a começar pela Eucaristia, foram os momentos altos do Encontro e constituíram, por vezes, introduzíveis experiências comunitárias que só a Liturgia, quando é bem celebrada, consegue proporcionar. Depois destas celebrações, alguns participantes pensam sinceramente que ficam a imaginar melhor a inefável felicidade da liturgia celeste!

Na sessão de encerramento, após uma sucinta informação sobre as actividades e as publicações do Secretariado Nacional de Liturgia dada por Mons. Aníbal Ramos, seu director, o sr. D. Albino Cleto, na sua qualidade de presidente da Comissão Episcopal de Liturgia, agradeceu a todos os colaboradores, desde os membros do Secretariado, aos conferencistas, ao Santuário e aos representantes dos meios da comunicação social, designadamente da Radiodifusão Portuguesa e da Rádio Renascença; apontou o que se vai fazendo por esse País fora no campo da Pastoral litúrgica; acentuou o apoio da Liturgia à Pastoral da Fé, que o nosso Episcopado considera prioritária; referiu que a melhor garantia de futuro para a Igreja era a Liturgia bem celebrada e pôs em relevo o exemplo dos leigos da Coreia e do Japão que mantiveram a fé durante séculos, mesmo sem hierarquia e apesar da perseguição. E concluiu dizendo: «onde os cristãos «permanecem assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações», a Igreja não morre, cresce. Bendito seja Deus pela força de crescimento que levamos deste XII Encontro Nacional de Liturgia».

TESTEMUNHOS SOBRE O ENCONTRO

- **De um grupo numeroso**, que se desloca de autocarro a Fátima, faz a apreciação do Encontro durante a viagem de regresso e é constituído por participantes oriundos das paróquias

de Fânzeres, S. Cosme, Rio Tinto, S. Pedro da Cova, S. Mamede de Infesta, Cedofeita e Aldoar, de Braga-cidade, (uma leiga), e de Religiosas da Casa de Saúde da Boavista, do Hospital da Trindade, da Quinta da Azenha, do Hospital do Carmo e do Colégio do Sardão.

Os «velhos» participantes foram unânimes em afirmar que este Encontro não foi mais um, mas **o melhor de todos**, pela grande vivência das celebrações, com destaque para as Vésperas, Vigília, as duas últimas Eucaristias, e ainda pelas suas maravilhosas conferências.

Entre os senões apontados: algumas intervenções durante as celebrações, uma conferência que se ficou pelo meio do esquema, o final da Vigília (talvez esperassem o Te-Deum que as normas não previam para aquele dia...), as Laudes que deveriam ser sempre na Capelinha das Aparições.

Os «jovens» participantes (10) puseram em relevo: «a descoberta da beleza das celebrações», «a possibilidade de reflexão e contacto com alguns mestres» e «as chamadas de atenção e reflexão nos ensaios».

O jovem de Cedofeita fez um resumo de todo o Encontro e entregou-o ao Pároco para este, por sua vez, o fazer chegar a todos os grupos da paróquia.

• De uma Religiosa de Lamego

«Não quero deixar de vir manifestar o meu regozijo e sobretudo o meu reconhecimento por este mimo que o Secretariado Nacional de Liturgia nos oferece com tanta prodigalidade.

Tenho tido a felicidade de participar neste Encontro desde a primeira hora e sinto-me devedora ao Secretariado Nacional pelas marcas indeléveis que deixa em mim cada um destes Encontros.

Na minha comunidade são já bem visíveis os reflexos profundos que estes Encontros deixam naquelas que neles participam.

No íntimo de todas nós ressoam ainda as harmonias daquelas inolvidáveis Celebrações Eucarísticas que nos fizeram antegozar a liturgia celeste.

Quero, pois, agradecer a todo o Secretariado Nacional todo o esforço, trabalho, preocupações e canseiras que despenderam na organização deste Encontro que nos deixou com saudades de mais...».

▪ De uma Leiga de Lisboa

«Cheia de alegria e muita gratidão, quero, antes de mais, agradecer a todo o Secretariado Nacional de Liturgia a óptima oportunidade que nos proporcionou a nós, participantes do Encontro, para crescermos em Igreja.

Da minha parte fica, sim, em aberto, uma enorme dívida de gratidão pelo bem precioso que para mim veio (e vem!) do passado Encontro de Liturgia.

E peço-lhe que expresse a minha gratidão a todos os seus Colaboradores do Secretariado e da Organização do Encontro».

Jornadas Espanholas de Liturgia

O Secretariado Nacional de Liturgia de Espanha dedicou as Jornadas nacionais deste ano à «Oração nas Comunidades Cristãs».

As Jornadas reuniram, de 1 a 3 de Maio, cerca de 350 participantes entre religiosas, padres, seminaristas, noviços, noviças e leigos.

Houve 8 conferências, 1 colóquio com os conferencistas e celebrações diárias de Eucaristia e da Hora Intermédia, em que se concluía e iniciava o trabalho de cada dia.

Presidiu a todas as sessões o Cardeal-Arcebispo de Toledo, D. Marcelo Gonzalez.

D. Andrés Pardo, Director do Secretariado Nacional de Liturgia, apresentou as Jornadas, considerando-as como factor de renovação litúrgica e de revalorização da oração autêntica. Disse, em conclusão, que o objectivo das Jornadas era interpretar rectamente a renovação conciliar no que concerne a oração: rezar bem e conseguir que a oração unifique toda a nossa vida.

D. Javier Martinez, Bispo Auxiliar de Madrid, tratou de «Comunidade Cristã, comunidade orante»; Frei Luis Gonzalez, monge da Trapa de S.to Isidoro de Dueñas, da «Oração pessoal à oração litúrgica»; D. Teodomiro Alvarez, Cónego da Basílica de Santo Isidoro de Léon, da «Liturgia das Horas, oração eclesial»; o

P. José Mateos, O. P., de «Experiências de oração hoje»; D. Julian López Martín, ds «Exercícios piedosos do povo cristão»; D. Eugenio Altarzutiaga, do «Culto e oração mariana»; D. Pere Tena, Presidente do Instituto Superior de Liturgia de Barcelona, da «Dimensão oracional da Eucaristia»; e ainda D. Pere Tena do «Culto Eucarístico fora da Missa».

No último dia houve um diálogo dos jornalistas com os conferencistas, que responderam às questões que tinham sido previamente apresentadas por escrito.

Surgiram perguntas como estas: Como reza um Bispo? É fácil rezar com os jovens de hoje? O monge de hoje reza como o da antiguidade? Que serviço prestam os monges ao Cristianismo de hoje? Como transformar a Liturgia dos Horas em oração contemplativa? É importante a diferença entre actos litúrgicos e exercícios de piedade? Como podem os hospitais, os quartéis, os doentes, os idosos ser lugares e pessoas de oração?

As Jornadas foram encerradas com uma concelebração eucarística a que presidiu o Cardeal-Arcebispo de Toledo.

«Liturgia das Horas»

2.^a Edição típica (I Volume)

O n.º 235 de **Notitiae**, boletim da Congregação do Culto Divino correspondente ao n.º 2 deste ano, traz um comentário de Vincenzo Raffa, F.D.P., que se pode resumir assim, de acordo com o sumário deste mesmo número.

Depois da reprodução do decreto de promulgação da **Editio typica altera** da **Liturgia Horarum**, o qual apresenta de modo geral as peculiaridades da mesma, segue-se um comentário que ilustra as novidades desta edição e expõe os critérios que orientaram a preparação da nova edição. O comentário refere-se só ao primeiro volume, o único que apareceu até aquele momento.

O comentário apresenta duas partes. A primeira trata do uso da Nova Vulgata, e a segunda do trabalho de correcção, aperfeiçoamento, revisão e actualização do texto.

No saltério usa-se o texto da Nova Vulgata de 1979, que representa um notável aperfeiçoamento em relação ao texto de 1965, que apareceu na primeira edição da «Liturgia Horarum». A Nova Vulgata foi também utilizada nos responsórios do Ofício de Leitura, quando razões históricas, litúrgicas, estruturais ou literárias o não impedião. Normalmente foi excluída das antífonas. A nova edição contém uma triplíce série (A, B e C) de antífonas ao **Benedictus** e ao **Magnificat**, de acordo com o evangelho da Missa do dia, cujo texto vem publicado.

A «introdução geral», a Tabela temporária das Celebrações móveis e o Calendário Romano foram actualizados. Introduziram-se aperfeiçoamentos em alguns hinos, em determinadas leituras patrísticas e hagiográficas e nas «Preces». Acrescentaram-se as fórmulas das bênçãos solenes, os textos para o acto penitencial, os índices dos hinos, antífonas, leituras bíblicas, segundas leituras do Ofício de Leitura, responsórios do mesmo Ofício e responsórios breves.

Introduziu-se também a indicação numérica dos versículos dos salmos e dos cânticos, bem como as leituras bíblicas longas. Por fim, os salmos levam a numeração da Bíblia hebraica depois da numeração da Vulgata.

Próximo Encontro Nacional

É com muita esperança e com não menos agrado que informamos os nossos leitores de dois dos elementos fundamentais do XIII Encontro Nacional: da sua data e da sua temática.

Data: será de **14 a 18 de Setembro**, continuando a tradição que dura há 12 anos e que se não pôde quebrar ainda desta vez.

O problema da aproximação das aulas foi considerado e teria mesmo imposto uma alteração da data, mas o Santuário de Fátima já não estava disponível noutra semana. Tivemos, pois, de manter a 3.^a semana de Setembro mais uma vez. É que os nossos encontros nacionais, com o número de participantes que têm tido nos últimos anos, não podem realizar-se fora do Santuário e sem a sua colaboração.

Temática: Religiosidade popular e celebração da fé.

A escolha desta temática teve em conta a importância intrínseca do assunto e dos grandes problemas pastorais e litúrgicos que levanta; procurou prestar uma colaboração ao estudo sociológico e pastoral que está a ser feito a nível nacional sob a orientação do Serviço Nacional de Pastoral; e não foi insensível ao tema designado para o próximo Encontro Europeu de Liturgia na sua última reunião efectuada em Lisboa: Liturgia e religiosidade popular.

Tratando-se de um tema excessivamente vasto e com muitos aspectos úteis a considerar, terá de ser estudado dentro dos parâmetros que têm mais relação quer com a liturgia quer com a religiosidade popular.

E num país como o nosso, em que a religiosidade popular sempre teve e continua a ter uma influência tão profunda na fé do povo e até na génese de tantas tradições populares, mais se impõe uma reflexão serena e profunda sobre a sua vertente celebrativa e a qualidade de fé que a sustenta e caracteriza.

E não deixámos de ter em conta que nas celebrações da religiosidade popular são os leigos que costumam ter um papel importante, senão mesmo decisivo, tanto na sua programação como na sua execução. Estamos, mais uma vez, a reflectir sobre um aspecto significativo da acção dos leigos na Igreja e a colaborar na preparação do próximo Sínodo dos Bispos.

Encontro Arquidiocesano de Braga

De 23 a 25 de Outubro realizou-se no Centro Apostólico do Sameiro o V Encontro Arquidiocesano de Pastoral Litúrgica, que teve por temática OS MINISTÉRIOS NA LITURGIA.

Participaram 110 pessoas, que eram oriundas de 13 arcepresbiterados da Arquidiocese e seguiram com grande interesse todos os trabalhos do Encontro.

Foram conferencistas: Dr. António da Costa Neiva, que tratou da participação dos presbíteros e dos leigos nas celebrações litúrgicas; Dr. José de Leão Cordeiro, que desenvolveu o tema

dos ministérios na assembleia litúrgica; Dr. António Azevedo Oliveira, que fez uma exposição sobre a Liturgia, festa da presença de Cristo: música e assembleia; P. Henrique Faria, que estudou a equipa litúrgica paroquial: formação e atribuições; e o Dr. Manuel Simões, SJ, que apresentou o lugar da celebração da liturgia: Arte Sacra e arranjo do espaço celebrativo.

Principiava-se o dia com uma celebração, apresentava-se depois um tema que era «lido» a seguir por cada grupo com a experiência existencial de cada um e estudado em pequenos grupos. No plenário partilhava-se a «leitura» e fazia-se a síntese geral. Na celebração da tarde fazia-se oração da vida vivida durante o dia.

As celebrações foram vividas em profundidade, as conferências, além de serem úteis, tiveram interesse, a música foi bem acolhida e bem cantada, e os trabalhos de grupo foram participados com muita seriedade.

Encontro Diocesano de Santarém

De 29 de Novembro a 1 de Dezembro, efectuou-se mais um encontro diocesano de Santarém sobre pastoral litúrgica.

A temática foi a mesma do XII Encontro Nacional: Os Leigos na Liturgia, e os vários temas estiveram a cargo dos seguintes conferencistas: P. Fernando Campos da Silva, Côn. José Ferreira, Dr. José de Leão Cordeiro, Dr. Luís Ribeiro de Oliveira e Dr. Pedro Ferreira, OCD.

A participação não foi sempre regular, mas ainda assim atingiu 100 participantes nos primeiros dias e 150 no terceiro, o que representa um aumento sensível em relação aos anos anteriores.

O 1.º domingo do Advento foi devidamente assinalado com a celebração dum pontifical na Sé, que teve a presença e a colaboração dos participantes do encontro.

As conferências foram seguidas com interesse e as celebrações litúrgicas tiveram a preparação e a execução que caracterizam os nossos encontros e pertencem mesmo à sua pedagogia.

Árvore de Natal

A árvore do Natal entrou nos costumes do nosso povo, mas antes teve de enfrentar certas dificuldades, provenientes em geral das entidades eclesásticas, que viam nesse símbolo natalício uma invasão das tradições pagãs e um substituto profano do presépio cristão.

No entanto, se estudarmos melhor a história da árvore, é natural que as coisas não sejam assim tão carregadas de cores negativas.

Com efeito, na Bíblia, a árvore evoca o orgulho dos homens, a história de Adão e Eva e ao mesmo tempo o anúncio da criação renovada.

A árvore da vida é evocada com frequência nos monumentos cristãos: árvore de ramagem frondosa, com muitas folhas e frutos a significar abundância e a prodigalidade da vida vivida à luz de Cristo.

Depois do primeiro milénio, os «mistérios» representados dentro ou diante das igrejas levavam à cena a criação, o paraíso terrestre e o pecado de Adão e Eva, sem esquecer o anúncio do Salvador. A árvore do paraíso anunciava a árvore da cruz. Estas representações eram muito populares no tempo do Advento e ajudavam a preparar o Natal.

Quando os «mistérios» deixaram de ser representados, a árvore do paraíso passou a ser conservada nas casas dos cristãos. Uma vez por ano, no dia 24 de Dezembro, dia da festa de Adão e Eva, era a festa da árvore da vida, que se ornamentava e punha em lugar de honra.

Em 1521, foi na Alsácia que se encontrou pela primeira vez a expressão «árvore do Natal». Esta árvore não era ainda iluminada.

No século XVII, passou a ser carregada de luzes, e no século seguinte o uso da árvore era conhecido no Canadá. No século XIX é a vez da Alemanha e depois dos países da Europa Oriental.

A primeira árvore do Natal foi introduzida na França, em 1837, pela mulher do duque de Orleães. E na Inglaterra, deve-se a primeira árvore do Natal ao Príncipe Alberto, marido da Rainha Vitória, que a introduziu no Castelo de Windsor.

Em 1912, o costume de colocar árvores do Natal nos locais públicos foi criado em Boston, nos Estados Unidos. Este costume generalizou-se depois ao resto do mundo e está cada vez mais implantado.

Num país cristão como o nosso, seria lamentável que a árvore do Natal destronasse o presépio, mas nada impede que a árvore se junte ao presépio para o acompanhar e embelezar. O importante é que a árvore não apareça como símbolo pagão ao lado ou, pior ainda, em substituição do presépio cristão, cuja presença nas celebrações natalícias se deve a S. Francisco de Assis.

Alguns países do centro e norte da Europa ainda hoje apresentam em locais públicos um presépio monumental em que as figuras bíblicas estão rodeadas do burrinho, da vaquinha e das ovelhas dos pastores. Mas estes animais, ao contrário das figuras bíblicas, são verdadeiros e ali passam dias e noites seguidas!

PUBLICAÇÕES LITÚRGICAS DO SNL

RITUAL DO MINISTRO EXTRAORDINÁRIO DA COMUNHÃO

(Reeditado e distribuído pelo SNL)

INSTRUÇÃO GERAL SOBRE A LITURGIA DAS HORAS

(Distribuído pelo Secretariado Nacional do Apostolado da Oração)

OS MINISTÉRIOS DA LITURGIA

(Livro editado e distribuído pelo SNL)

CELEBRAÇÃO DA RECONCILIAÇÃO DE UM SÓ PENITENTE

(Editado e distribuído pelo SNL)

CELEBRAÇÃO DO MISTÉRIO PASCAL

(Em três números especiais do Boletim de Pastoral Litúrgica)

LITURGIA E PASTORAL DA FÉ

(Editado e distribuído pelo SNL)

GUIÃO DAS CELEBRAÇÕES DO III ENCONTRO NACIONAL

»	»	»	»	IV	»	»
»	»	»	»	VIII	»	»
»	»	»	»	IX	»	»
»	»	»	»	X	»	»
»	»	»	»	XI	»	»
»	»	»	»	XII	»	»

CASSETES DO XI ENCONTRO NACIONAL

(Distribuídas pelo SNL)

CASSETES DO XII ENCONTRO NACIONAL

(Distribuídas pelo SNL)